



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

«LULÚ» e os GATOS

POR ISOLDINA

Desenhos de A. Castané

O Lúlú era um galante bebé. Gordinho, branco, rosado e, a contrastar com a sua brancura, uma cabeleira negra e brilhante e uns grandes olhos também negros como amóras maduras. Era muito meigo e dócil; e tão amigo da sua mamã que, um dia, estando com esta à janela, ao ver passar uma mulherzinha com um grande cesto de ovos, perguntou: — «A mamã *quia* aquêles ovos todos?» — «Queria, sim, meu filho, — respondeu ela, sorrindo da pergunta. Ele então, pondo uns olhinhos muito ternos nos olhos de sua mãe, diz com uma voz repleta de meiguice: — «Eu hei-de *nacer* galinha e depois ponho assim muitos ovos para a mamã, sim?...».

Seu pai era um entusiasta amador de desportos; e o Lúlú ia muitas vezes assistir a festas onde êste exhibia os seus trabalhos atléticos em luta greco-romana.

Assistindo a um sarau, no clube onde seu pai era professor de luta, o Lúlú conservava-se caladinho e sossegado como fazem todos os meninos bonitos. Porém, num dado momento em que viu seu pai numa posição esquisita, exclama a rir: — «Oh! oh! o papá *paéce* um gato!...». Mas, a seguir, já enlaçados os dois adversários em «golpes» rápidos e sucessivos, lá lhe pareceu uma luta séria e já não estava a gostar do caso. Até que, por fim, grita muito nervoso: — «O' homem, deixa o papá!...». Foi um sucesso. No meio do silêncio, que reinava na sala enorme, repleta de espectadores, os quais seguiam com a maior atenção as fases da luta, àquela vózinha aflita, sucedeu uma gargalhada geral, procurando, todos os olhos, o sítio de onde ela viera. Como ouvia dizer que seu pai era campeão de luta de Portugal (na sua categoria) ao perguntarem-lhe o seu nome, respondia muito orgulhoso: — «Sou Lúlú Heitor de Sousa Moreira, campeão de luta de Portugal».

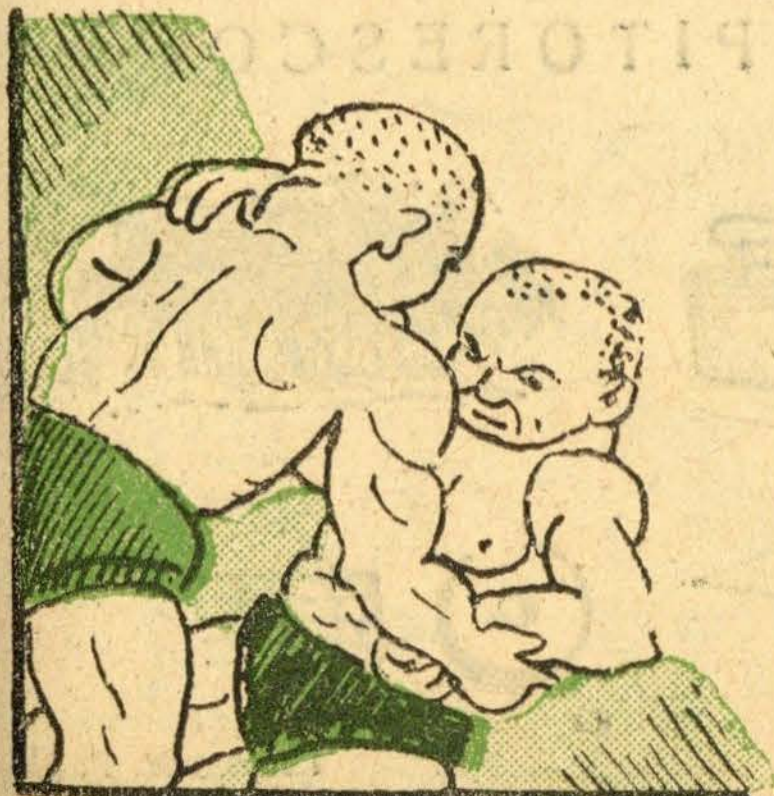
Como era muito pequenino e interessante, achavam-lhe imensa graça, e faziam-no repetir o seu nome.

O pequenito começou a achar aquilo estranho e, um dia, perguntou: — «Mamã: — Porque se riem todos quando eu digo o meu nome?». — «E' porque tu não és campeão de Portugal. E' só o papá; pois, sem lutares, não podes sê-lo.»

Dali em diante, começou o Lúlú a imitar seu pai, para vir a sê-lo de verdade; mas apenas conseguiu fazer a «ponte» o que êle fazia muito bem e porque não achou, talvez, adversários para lutar, senão em «luta livre» — a preferida de todos os miúdos, por não obedecer a regras. Com êsse pouco, julgava-se um atleta. E quando por qualquer traquinice, o ameaçaram de que iria para o inferno dos meninos maus, êle, por instantes, ficou pensativo, de olhos no chão. Mas logo levantou a cabeça com decisão e disse: — «E eu escangalho o inferno todo com um pontapé...».

O tempo passa; e o Lúlú já era mais crescidinho e tinha três irmãos, dos quais o mais velho tinha menos três anos do que êle. Com os três anos a mais e a sua pacatez, tinha um certo ascendente sobre os irmãositos, e êstes acatavam tudo o que êle dizia e fazia, como se fôra um mestre. Êle, então, contava-lhes histórias e pregava-lhes, também, algumas pêtas. Um dia, um dos mais novitos, a propósito de qualquer conto, diz: — «Olhe, mamã, os elefantes quando nascem já têm cem anos! Foi o Lúlú quem disse».

(Continua na página 8)



Hora de Recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, JOGOS, ENGENHOCAS, ETC.

Com o presente número, termina o 1.º campeonato de «Hora de Recreio», que tanto entusiasmo tem despertado entre os jovens ferrenhos charadistas do Pim-Pam-Pum!

Terminada a publicação dos resultados, verificar-se-á quem é o feliz campeão, ao qual será conferido um interessante livro de contos infantis, além do direito à publicação da fotografia, em lugar de destaque, nas colunas desta secção. No caso de pluralidade de campeões, o livro será sorteado entre estes.

Como fá é do conhecimento de todos, a partir do próximo número (visto já entrarmos no 2.º campeonato) «Hora de Recreio» revestir-se-á exclusivamente de caracter charadístico, não publicando, por conseguinte, quaisquer outros trabalhos que ao charadismo não digam respeito ou que, pelo menos, com este interessante passatempo e utilidade, não se relacionem.

No próximo número publicaremos o regulamento dos futuros campeonatos, em que haverá classificação tanto de decifradores como de produtores e prémios para os melhores classificados.

Aproveitamos a oportunidade para lhes falarmos sobre as noções de charadismo que há tempos vimos prometendo.

De certo estais, senão todos pelo menos a maioria, à volta com os livros para que a memória vos não atraia nos exames e não esquecerem o que aprenderam durante o ano.

Pois bem! Justamente por isto e para que os meninos não tenham de preocupar-se com outras coisas que não seja a vontade de «passar», só daqui a algumas semanas encetaremos a publicação das noções de charadismo.

Daqui até lá, deixar-vos-hemos a contas com as vossas dôres de barriga...

CHARADAS — N.º 12

DECIFRAÇÕES DO N.º 8

1 — Víbora-Vira; 2 — Pacato-pato; 3 — Casaco; 4 — C. chá, ceira, chicara, arado, aro, a; 5 — Amada.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Alfredo Matos, Adriano Reis, Dr. Bigodes, Emídio Matias Pinto, Jorge Pereira, Manecas & Tonecas, Manuel Aguincha, Oliveiraribeiro, Pipocas, Piruças, Renato R. Paulo, Tomigas e Zette.
(Totalistas)

Rex, 4; António Dias, 1.

NOVISSIMAS

1 — O pássaro mais o «homem» atacaram outro «homem». — 2-2.

avelino Zé
2 — E' ali que estala o gracejo. — 1-2.

Caracha Zé Fernando
3 — Tenho pena duma pessoa enferma. — 1-2.
Socote Zé Manel

SINOPADAS

4 — O instrumento de medir ângulos, aqui, só estorva. — 3-2.

Sir Mistério

5 — Rapariga! Acolhe-te sob a minha protecção. — 3-2.

Cachopa-Capa Tomigas
6 — Nesta panela cozinhou uma «mulher». — 3-2.

Zé Quitolas

MAÇADA GEOGRÁFICA

7 — Ponha ovos, adelo!

Zé Gaspar

ENIGMA

3 — Só com três letras (Duas iguais)
Um grande rio*
Decerto achais.

(*). De Portugal.

Um decifrador

9 — ENIGMA PITORESCO

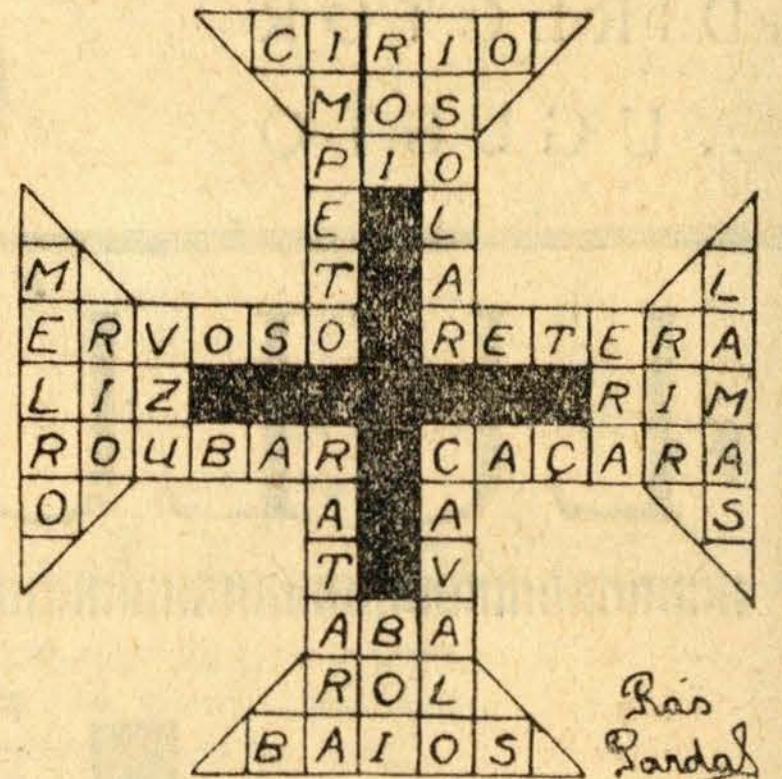


quem com ferro amarra com ferro amarra

Renato R. Paulo

PALAVRAS CRUZADAS

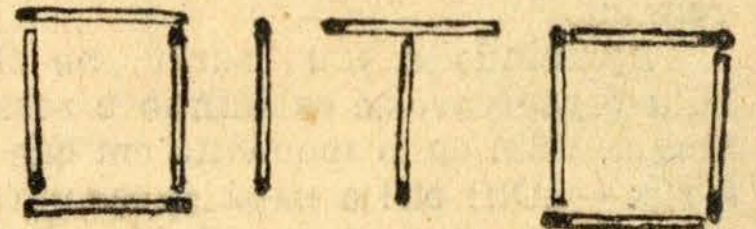
DECIFRAÇÃO DO N.º 6



DECIFRADORES

Alfredo Matos, Dr. Bigodes, Emídio Matias Pinto, Jorge Pereira, Manecas & Tonecas, Manuel Aguincha, Oliveiraribeiro, Pipocas, Renato R. Paulo e Zette.

PROBLEMA COM FOSFOROS



Apresentai a um vosso amiguinho onze fósforos e dizei-lhe que, sem tirar nenhum, faça deles oito. Claro que logo declarará ser isso impossível, mas vós imediatamente provareis o contrário, executando o que a gravura acima vos mostra.

APARENCIAS

Por MARIA BRANCO

HA quinze dias que Manuel goza as merecidas férias na «Quinta dos Limoeiros», em plena liberdade do campo, bebendo o ar com deliciosa sofreguidão.

Encanta-o percorrer a propriedade, escutando papa-fios, mochos e rouxinóis.

Conversa com os jornaleiros, rindo com eles; por vezes, provando, mesmo, das suas merendas. Que apetitosas caldeiradas!

Certa tarde, deitado na rede, que a velha Acácia embala, Manuel José absorveu-se na leitura do «Pim-Pam-Pum.»

Percorreu, interessado, o conto do grande amigo da infância que é Santa-Rita.

Manuel José é entusiasta admirador deste poeta. Recita muitas das suas lindas poesias, cujo ritmado e original dinamismo, o faz vibrar.

Todavia, o conto intitulado: «Dom da Palavra» deixara-o pensativo.

Como o Pedrinho da história, ele sentia e adorava a Beleza, mas não compreendia o Feio, diminuindo-o até...

Aquele talhão de feno, onde as páveas tombadas lembravam cadáveres, fôra a maravilha dos seus olhos quando, na Páscoa, ali estivera erva verdinha, mar de esperança, salpicado de papoilas, malmequeres e corriolas.

A colheita arruinara tudo!

O Belo morrerá, em proveito do Bem...

Do pátio, a Avózinha chamou-o.

Lesto, Manuel José correu ao seu encontro.

Rodeada de galinhas, patos-marrecos, gansos, pombos e perús, a boa senhora distribuía às aves, a sua ração de milho.

Alheado, Manuel José não ajudou a faina da Avózinha. Vendo-o meditando, a Sr. Dona Matilde inquiriu da causa desse mal-estar.

Franco, com toda a lealdade de seu carácter, o neto expôs-lhe as suas opiniões, as suas dúvidas.

Depois de o ouvir, a bondosa senhora, levou-o à sua sala.

Duma rima de livros, escolheu um, cujo aspecto cansado, a encadernação velhinha, demonstrava ter sido muitas vezes aberto, lido e relido...

Sentaram-se os dois.

O calor baixava sufocante.

Cigarras e ralos, numa monotonia triste, acompanhavam ligeiros pios de pardais

A calma entorpecera a Natureza.

Suavemente a Avózinha, folheou o velho livro.

— «E' feia a aparência desta «História de Santos» não é, meu amor?» perguntou a Avó.



— Todavia as suas páginas contêm a sùmula das vidas, heróicas e sublimes, de entes superiores.

Ações transcendentales que perdurarão enquanto o mundo fór mundo.

Nem as mais delicadas flores, nem as mais refinadas obras de arte, nem mesmo as belezas naturais que generosamente Deus ofereceu aos homens, têm maior encanto.

Isto é o «Poema da Bondade».

Contempla, agora, esta gravura.

Repara neste velhinho, meia-mùmia, todo enrugado, olhos sumidos, boca desdentada, barbicha rala em queixo pontegudo.

Viveu 84 anos, de continuada bondade.

— E' frizante o contraste entre a decrepitude de S. Vicente de Paula e a frescura infantil das duas crianças que a sua batina agasalha.

Entretanto, quem são elas?! Quem sabe delas?! O que resta delas?!...

O santo velhinho, para quem a Beleza aparente era tão avara, é conhecido e amado em todo o universo.

Ele foi o anjo protector das criancinhas abandonadas, o amigo desvelado dos prisioneiros, os pobres galerianos a quem visitava, esmolava e consolava.

Enquanto Paris sofria os horrores da Guerra da Fronda, S. Vicente mitigou muita fome, muita dôr.

Foi ele quem criou, a linda ordem das «Irmãs da Caridade».

Passava-se isto no tempo, em que Portugal reconquistava a sua gloriosa independência, expulsando os espanhóis e tornando-nos senhores do que era nosso.» terminou a avózinha.

Manuel José, com os olhos dilatados, fixava a gravura

— «Tem razão avózinha, tem razão!»

Fechou-se o volume lentamente e lentamente foi arrumado em seu lugar.

Abrindo um grande guarda-sol, a Avózinha levou o neto abraçado, rua abaixo.

Sussurro novo, compassado, estranho, ferira a curiosidade de Manuel José.

No colmeal, aglomeradas à entrada das colmeias, multi

(Continua na página 6)



EU SOU A PROFESSORA...

COMEDIA INFANTIL original de FRANCISCA DO CARMO COSTA

A acção passa-se onde costumam decorrer as grandes cenas da vida infantil: em casa dos papás e onde, às quintas-feiras, se recebem as visitas dos primos. A cena procura representar uma sala de aula, conforme as possibilidades e o poder de improvisação dos pequeninos.

PERSONAGENS

A SENHORA PROFESSORA — que assiste, sem ser vista, à representação das crianças.
 GRACIETTE — a menina que faz de professora.
 MARTA — A menina mais idosa e ajudada.
 ROSA, ISABEL E MARIAZINHA — Meninas que fazem de alunas.
 GUILHERME — O homem dos bigodes.
 MANUEL — inspector escolaf. — Mais alguns alunos e alunas.

CENA I

O lugar destinado à acção está deserto. Ao ouvir-se o sinal para o início da representação, as crianças, jora, dão rumor de si numa algazarra festiva. Estão contentes. Têm licença para brincar. Pouco depois, entram, como de costume, num tumulto alegre: Algumas delas vêm cantarolando.
 MARTA — Não façam muita bulha! Podemos brincar mas com ordem!
 GRACIETTE — (Impertigada e exagerando os gestos de Marta) — Sempre com ordem! Sempre com ordem! Hoje é o nosso dia. Qual bulha nem meia bulha! Os soldados, quando marcham também fazem barulho com os pés e também vão em ordem... (Bate com os pés, imitando a marcha dos soldados).
 GUILHERME E MANUEL — (Batem, também, com os pés) — Um, dois. Um, dois...
 MARTA — O Graciette! As meninas não brincam como os rapazes! E' preciso haver preceito.
 MANUEL — Eu vou pôr tudo em ordem.

(Ares muito importantes) — Vou fazer de general!
 GUILHERME — Eu, também, quero mandar. Vamos brincar às guerras?
 MARIAZINHA — As guerras, não. Eu tenho medo.
 ROSA — És muito medrosa! Então, o que havemos de fazer para nos divertir?
 ISABEL — Podemos brincar a um jogo de prendas.
 MANUEL — Isso é muito aborrecido.
 GRACIETTE — São jogos de velhas. Já minha avó morria de sono, quanto mais eu. Outra coisa, outra coisa que nos faça rir.
 MARTA — Se vocês quizessem podíamos aproveitar esta quinta-feira muito bem.
 GUILHERME — Eu tenho uma idéa...
 QUÁSI TODOS — Eu também tenho, eu também tenho.
 ISABEL — Deixem ouvir o que queria dizer a Marta.
 GUILHERME — Mas eu tenho uma idéa muito boa.
 QUÁSI TODOS — Também eu tenho, também eu tenho. A minha é a melhor de todas.
 ISABEL — Deixem ouvir primeiro a Marta. Ela tem sempre boas idéias. Tem-nos livrado muita vez de fazer coisas mal feitas e de darmos desgostos a nossos pais.
 GRACIETTE — (Com exageradas reverências). — Senhora Dona Marta com razão que se farta, muito sensata, muito bichinha gata, afinal do que se trata?
 MARTA — (Sorrindo). Sempre graciosa, a nossa prima Graciette. O que eu pensava: — era aproveitarmos o tempo e estudarmos juntos as nossas lições.
 MANUEL — Então, era como se estivéssemos na escola!
 MARTA — E porque não?
 GUILHERME — Pronto. Já arranjámos uma rica idéa. Vamos brincar às escolas.
 MANUEL — (Muito impertigado). Eu faço de inspector.
 GRACIETTE — Muito bem, muito bem. Vamos rir imenso.
 ISABEL — E quem é a professora?

MANUEL — Como isto é a brincar, escolhe-se a que sabe menos.
 ROSA — (Denunciando-se). Assim não. Cá por mim não quero ser!
 GUILHERME — Ora, tu sabes tudo! E depois, ser professora não custa nada.
 MARIAZINHA — Isto vai ser uma escola muito engraçadinha. Foi pena que eu não truxesse a minha boneca. Hoje, também, aprendia a lêr.
 MARTA — Vocês levam tudo para o lado de brincadeira.
 MANUEL — O que é que nós havemos de querer senão brincar! Portanto, toca a rir. A professora deve ser a que sabe menos.



TODOS, MENOS MARTA — Eu cá não quero. Eu cá não quero.
 GUILHERME — Então, brincamos às escolas, ou não? (Um grande silêncio).
 MARTA — Se vocês entendem que se divertem assim, eu não me oponho. Depois, sempre se há-de aprender alguma coisa.
 GRACIETTE — Marta, tem sempre razão.
 TODOS, MENOS MARTA — Viva a Marta!
 (As crianças olham todas umas para as outras, indecisas sobre o modo de começar).
 MARTA — Bem! Vamos dispôr a sala da aula. Ajudem-me a arranjar as coisas.
 (Conforme as possibilidades, as crianças dispõem a mesa e juntam cadeiras).
 GRACIETTE — Cada um aos seus lugares.
 MARIAZINHA — Onde fico eu?
 MARTA — Perto de mim, porque és a mais pequenina.
 GRACIETTE — Manuel e Guilherme, vocês saíem.
 MANUEL E GUILHERME — Eu também quero ficar na escola.
 GRACIETTE — Não pode ser. Uma escola tem que ter tudo. A mesa, as cadeiras, os alunos, o senhor inspector e o pai da menina. Vocês saíem e voltam depois. Um é o pai da menina e o outro é o senhor inspector. Agora escolham. Isso é lá com vocês.
 GUILHERME — Eu cá não quero ser o inspector. São uns senhores muito sérios. Metem medo à gente. O que eu quero é brincar.
 MANUEL — Sou eu. Eu gosto de mandar. (Sai com Guilherme).

CENA II

(As crianças estão todas sentadas. A cadeira da mesa ficou deserta).
 ISABEL — Mas, afinal, quem é a professora?
 ROSA — Ora quem há-de ser. Isso não se pergunta. É a Marta. Ela é a mais crescida e a que sabe mais.
 MARIAZINHA — Mas, assim, não era a brincar.
 ISABEL — Para brincar não há melhor do que a Graciette!
 GRACIETTE — Quem deve ser é a Marta. Ela é que tem todo o jeito duma professora. Ela é que está sempre assim. (Atitude impertigada) a dar ordens e com cara de poucos amigos.
 ROSA — Isso não, isso não. A senhora professora é muito nossa amiga.
 MARTA — Tens razão Rosa. A senhora professora até sabe brincar com as suas alunas.
 MARIAZINHA — Ainda na semana passada, foi passear connosco ao campo e até se fez pequenina como nós. E era tão engraçada!
 QUÁSI TODAS — E' verdade! E' verdade!
 ISABEL — Até deu as mãos à gente num baile de roda!
 MARTA — Como boa lembrança pela senhora professora, que nos torna a escola tão alegre, acho bem que seja a mais alegre de nós todas quem faça aqui de professora.
 TODAS MENOS MARTA — Muito bem. (Palmas).
 ISABEL — Marta tem sempre razão. Vê muito bem as coisas. Graciette, não tens outro remédio senão aceitar.



CENA III

(Graciette tomou o seu lugar. As crianças ficam sentadas).
 GRACIETTE — (Muito grave). Parece que é a primeira vez que as meninas estão numa escola. Tenho que lhes ensinar alguns preceitos de educação. Levantem-se. Quando a professora entra as alunas não ficam sentadas. Eu sou a professora!

Guardado está o bocado...

Por FELIZ VENTURA



A mãe do nosso Tomaz, Encarrega-o, certo dia, De levar alguma fruta Ao prior da freguesia.

O bom abade ao vêr isto, Ficou cheio de alegria, Levando logo o Tomaz Para a sua doçaria.



Depois, diz-lhe à despedida: «A' tua mãe vai dizer Que eu as oito maçazinhas Vou-lhe logo agradecer».

Porém o Tomaz, confuso, Disse assim: — «Eu cá pedia Um favor: Se à minha mãe Dez maçãs agradecia».

(As crianças, que fazem de alunas, levantam-se. Riem muito).
 ROSA — Bem dizia eu que nos havíamos de rir muito. Foi uma boa idéa.
 ISABEL — Ainda agora estamos no principio.

(Batem à porta)

GRACIETTE — Entre quem é.
 GUILHERME — (Entra com uns grandes bigodes e um bengalão). Dá licença, senhora professora.
 MARIAZINHA — Olha o homem dos bigodes. (As crianças riem).
 GRACIETTE — Silêncio! (Ao Guilherme). Mas quem é o senhor?
 GUILHERME — Ora essa! Eu sou o Manuel Sebastião Nicolau do Maranhão, com licença da senhora. Venho aqui dizer a quem cá estiver, que quero que a minha filha faça exame sem demora. Faça-a estudar, meta-lhe tudo na cabeça e que ela não

se esqueça que o seu pai, Manuel Sebastião Nicolau do Maranhão foi sempre espartilhão. E sem andar no estudo, é capaz de embulhar tudo.
 ROSA — E que nome e que sabedoria!...
 MARIAZINHA — E que bigodes!...
 GRACIETTE — A final, o senhor disse tudo mas eu fiquei sem saber nada.
 GUILHERME — Com a bréca! Eu sou o Manuel Sebastião...
 GRACIETTE — Já sei. Já sei. Mas há uma coisa que me falta saber.
 GUILHERME — Essa agora! Eu sou o Manuel Sebastião...
 GUILHERME — Pois pergunte o que quiser porque eu Manuel Sebastião...
 GRACIETTE — Basta, basta. Já sei o seu nome mas não sei quem é a sua filha.

(Continua no próximo número)



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Queridas Abelhinhas:

Como quasi todas vocês, teem irmãos e primos, lembrei-me, hoje, de lhes proporcionar o ensejo de serem irmãzinhas e primas simpáticas e affectuosas.

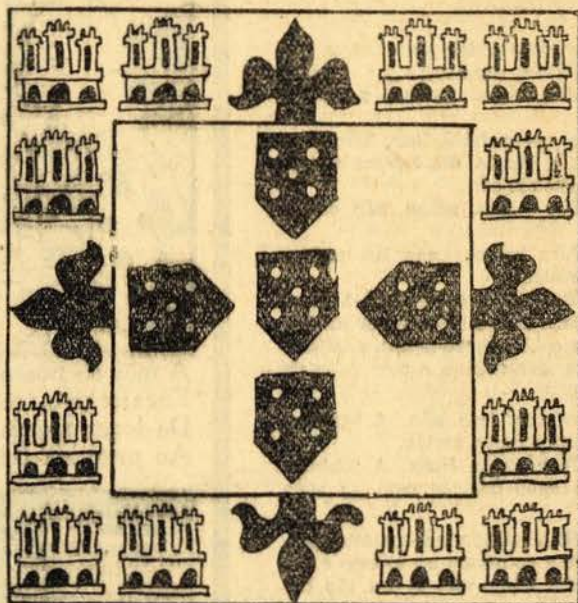
Ora, os vossos primos e os vossos irmãos certamente pertencem à «Mocidade Portuguesa», essa encantadora pleiade de rapazes alegres e vigorosos, cujos olhos e cujas almas sabem de côr o nome de Portugal.

Não será uma idéa simpática, vocês, minhas queridas abelhinhas, bordarem o emblema da «Mocidade Portuguesa» e oferecem-lho, como lembrança gentil e significativa?

Vamos, pois... Mãos à obra. Sôbre estopa, com lãs de côr, ou sôbre linho ou outro qualquer tecido e utilizando, então, linhas de bordar, fareis a cercadura a vermelho e, sôbre ela, os castelos a amarelo. O centro a branco, com as quinas a azul claro e as pontas da Cruz de Aviz, a verde.

Realizareis assim, um trabalho encantador que os encherá de alegria e orgulho pela lembrança e habilitade das minhas abelhinhas. — Sempre vossa

ABELHA MESTRA



CARTA ABERTA

Por FELIZ VENTURA

(Para a linda pequenita, Maria Tereza Cerejeira lêr, quando souber):

Que engraçada a Terezinha!
Parece um anjo dos céus,
que, em risonha madrugada,
à terra mandasse Deus.

Lábios um pouco risonhos,
lembram maduros medronhos,
quando estão para cair.
E' botãozinho de rosa
que, dentro em pouco, há-de

pois só espéra
a primavera,

abrir,

a primavera da vida,
que a fará,
então, florir
e será
uma das rosas
mais formosas
no roseiral do Porvir.

Os seus passos vacilantes
são já mais firmes que dantes,
pois já sabe caminhar;
e, no claro corredor,
quando, com jeito e amor,
sua mãe a faz andar,
só nos lembra um passarinho
que, ainda implume, no ninho,
se ensaia para voar.

Terá um alto destino.
Há-de ser santa ou rainha?
Só Deus o pode dizer.
Só sei que, pequerruchinha,
tem graça que nos encanta
e faz o mal esquecer.

Tenho fé que há-de ser grande
como os anjos que há nos céus,
que terá tanta bondade
como a linda Mãe de Deus:
que há de fazer pela terra
coisas tão nobres e belas
que causará, 'inda, um dia,
inveja às próprias estrêlas.

F I M

A P A R E N C I A S

(Continuado da página 3)

dões de obreiras mesquinhas, negras e feias, agitavam as asas com frenesi.

As colmeias precisavam ser refrescadas, por isso as abelhas — ventoinhas vivas — defendiam do calor as suas cidadões...

Mas nas roseiras, as lindíssimas rosas que Manuel José admirara de manhã, lânguidas, emurchecidas, abandonadas e tristes, desfolhavam-se aos poucos...

F I M

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



51

Do Infante D. Henrique
Companheiro dedicado,
E um dos que primeiro foram
Ao mar nunca navegado,

Mostrou bem que no seu peito
Nunca existia o temôr.
E assim dobrou, certo dia,
O Cabo de Bojador.

Mostrando que o mar não tinha
Nem perigos nem traições,
Nem abismos nem gigantes,
Nem feitiços nem dragões.

Era um mar lindo e sereno,
Mostrando novas estrêlas,
Que daria a Portugal
A glória das caravelas.

Glória que brilhará sempre,
Formosa entre as mais perenes.
Não mais será esquecido
Quem se chamava



52

Com saber, justiça e calma,
Reinava D. João segundo,
E esta terra começava
De pasmo a encher todo o mundo.

E vai, então, Deus, sorrindo,
Um lindo milagre fez:
Uma rainha bondosa
Pôs no trono português.

Ela, seguindo as pisadas
Da linda Santa Isabel,
Conseguiu pôr alegria
Onde havia dôr e fel.

Deu esmolos e conselhos,
Foi dos infelizes mãe,
Fundou as Misericórdias,
A-fim-de espalhar o Bem.

Em muitos lares e almas
Foi o anjo salvador...
Sereis sempre abençoada
Rainha



53

Sendo ourives primoroso,
Como o não fôra ninguém,
Fez essa linda Custódia
Que hoje se admira em Belém.

Depois, num rasgo genial,
Sabem o que é que êle fez?
Fundou, por graça de Deus,
O Teatro Português.

E escreveu peças tão lindas
Que ainda hoje encanto são,
Como essa jóia chamada
Auto da Visitação.

Duvidaram do seu génio
E êle andou desta maneira:
Pedi um tema e escreveu
A Farsa de Inês Pereira.

Quási são sem conto as peças
Que compôs seu estro ardente l...
E agora todos festejam
O nome de

A MODESTIA

POR JUSINO AMADO

Juventude,
A virtude,
De que hoje iremos falar,
Sendo bela,
E' singela,
E preza de se ocultar.

Luz macia,
Que alumia
Sem ofender as pupilas,

Como a Lua
Que fluctua
No céu em noites tranqüilas.

E' o odôr
Duma flôr
Que se esconde e muito vale,
Pequenina,
Peregrina,
Violeta humilde do vale.

Linda pérola,
Que na cérula
E vasta concha do oceano
Se sepulta
E se oculta,
Fugindo do orgulho humano.

E' modéstia,
Viva réstia
Que com nuvens vela os brilhos;
Prometam-me, que hão-de amá-la
Cultivá-la.
Vida fora, ó lusos filhos!

«LULU» E OS GATOS (Continuação da página 1)



Aparte estas pêtas que pregava aos irmãositos, comprazendo-se na ingénua credulidade dêles, só tinha um defeito digno de menção: — gostava de arrellar os gatos — não porque lhes quisesse mal, antes pelo contrário, mas porque gostava de lhes ouvir a voz, em todos os tons. Para isso, obrigava os bichanos a permanecerem, o tempo que êle quizesse, entre as suas mãos, sôbre o regaço, estando êle sentado a mesa, com um livro diante, como se estudasse. Quem entrasse, via-o muito sossegado a estudar. Mas, dali a pouco, não podia disfarçar mais,

porque saía debaixo da mesa um «miau» muito amargurado e êle não tinha remédio senão largar o pobre bicho, para que sua mãe não ralhasse. Mas gato que lhe passasse pelas mãos, ficava domado à sua vontade, em pouco tempo, por mais rabino que fôsse.

Foi esta a sua maior maldade e daí resultou um desastre para um lindo gatinho que havia na casa.

Com o intuito de o domar, como fizera a tantos outros, o Lulu agarrou o Pipócas — (assim se chamava o bicho). Mas êste, que naquêlo momento não estava bem disposto, fórma um grande salto para se escapar, deixando a extremidade do apêndice caudal presa na mão do Luisito que não o queria largar.

O resultado foi o pobre Pipócas ficar com a pontinha do rabo quebrada e o Lulu cheio de pena, o que fez com que perdesse o mau hábito de fazer mal aos gatos, pelo bem que lhes queria. Por muito tempo ainda, quando se lembrava do caso, sentia grandes remorsos e ficou um grande amigo do Pipócas para sempre mas amigo de lhe fazer festinhas e deixá-lo dormir aos pés, na sua cama, pois nunca mais forçou as notas, na escala dos «miaus» com grande satisfação de todos os bichanos da vizinhança, que não estavam dispostos a servir de instrumentos musicais.



MÃES

Por GRACIETTE BRANCO

— «Mãi: quero ir passear!
Quero saltar!
Apanhar rosas, vêr correr os rios.
Aborreço-me aqui, tenho os pés frios...
Quero sair, quero comprar balões...
Mãi: leva-me a passear.
Vou-me vestir.
Vou buscar, à gaveta, os meus calções...
Quero ver os peixinhos encarnados
e os lagos a brilhar, muito calados,
com a água a dormir...
Quero sair...»

— «Hoje não sai. Cale-se já, menino.
E' maçador, teimoso, máu, rabino...»



A mãe tem que fazer.
Estude a tabuada.
Não diga nada.
Faça por aprender!]
— «Oh, Mãi! Quero sair!
Uma volta pequena, mesmo pouca!]
— «Tu estás a insistir?!]
Cala já essa bôca!...»

Filhinho! Meu amôr! Sentes-te mal!
Vem dar uma voltinha no quintal!
Quero vêr-te correr, vêr-te saltar!
Não podes, meu amor?! Estás tão quente!
O meu rico menino está doente!
Deixa! Não olhes mais a tabuada!
Descança a cabecinha na almofada!
Quero vêr-te cantar, vêr-te sorrir!
Os botões da roseira estão a abrir...
Melhora, meu amor, com meus afagos;
depois, levo-te a vêr jardins e lagos,
peixinhos encarnados, borboletas,
e no lindo canteiro das violetas
colherás a mais bela de entre tôdas...
Quero vêr-te brincar, dançar as rodas...
Deixa vêr os teus olhos, um momento,
teus olhos, que dão sol e dão alento
e luz, calor, à minha vida inteira...
Amor! olha p'ra mim
dessa maneira!...»

e o coração das Mãis é todo assim!...